

MODERNISMO E INDAGAÇÃO IDENTITÁRIA

MODERNISM AND IDENTITY QUESTION

*Dionísio Vila Maior*¹

RESUMO: Reflexão sobre a problemática da *viagem* na vivência modernista e no *discurso* literário modernista — incidindo-se uma atenção particular sobre a produção literária de Fernando Pessoa (e dos seus *outros eus*), Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Nesse sentido, procurar-se-á estudar essencialmente o tópico da *viagem interior*, tópico que — apontando frequentemente para a busca do “Ideal” — é nuclear na poesia e/ou ficção destes representantes do modernismo português, que, pela literatura, procuraram apreender dinamicamente o seu universo interior, na busca identitária do *eu*.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo. Viagem. Subjetividade. Pluridiscursividade. Totalidade.

ABSTRACT: Reflection on the issue of “travel” in the modernist experience and modernist literary discourse (focus on the literary production of Fernando Pessoa (and his other poetic selves), Mário de Sá-Carneiro and Almada Negreiros. Thus, we mainly study the topic of “inner journey”; this topic is in fact nuclear in poetry and/or fiction of these Portuguese modernist writers, which, in literature, dynamically embraced your inner universe, searching for their own identity.

KEYWORDS: Modernism. Inner Journey. Subjectivity. Polyphony. Ideal.

¹ Professor na Universidade Aberta – Portugal.

1

Em dois textos, de presumivelmente 1931, do *Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa, pela voz de Bernardo Soares, escreve, em momentos diferentes, as seguintes palavras: “A ideia de viajar nauseia-me”; num outro texto, confessa: “A ideia de viajar seduz-me” (PESSOA, 2010, pp. 370 e 215, respectivamente). Se, contudo, continuarmos na leitura das mesmas palavras, podemos articular as ideias de acordo com uma disposição que só aparentemente será contraditória; num texto: “A ideia de viajar nauseia-me. / Já vi tudo que nunca tinha visto. / Já vi tudo que ainda não vi” (*id.*, p. 370); no outro: “A ideia de viajar seduz-me por translação, como se fosse a ideia própria para seduzir alguém que eu não fosse. Toda a vasta visibilidade do mundo me percorre, num movimento de tédio colorido, a imaginação acordada” (*id.*, p. 215).

De certo modo, a questão assim conceituada, com reflexões apenas aparentemente contraditórias, abre caminho para a equação da problemática da viagem na vivência modernista e pelo *discurso* modernista. E, como se pode confirmar, as palavras deste *outro eu* pessoano, que encontrou na intranquilidade o sentido que sustenta poeticamente a noção de sonho, estabelecem uma posição muito nítida, no que ela compreende de valorização da subjetividade, ao atribuir justamente à subjetividade de cada indivíduo uma dominância acentuada. Aliás, em múltiplos fragmentos que fazem parte do *Livro do Desassossego*, Bernardo Soares manifesta um profundo desencanto pelo facto de os homens se terem reduzido a pouco mais do que animais, em consequência do desinteresse que de forma crescente manifestam em relação à “actividade superior da alma” (*id.*, p. 486). Num texto de provavelmente 1915, por exemplo, intitulado (ainda que com algumas reservas por parte de Bernardo Soares) *O Sensacionista*, este *outro eu* pessoano — em termos bastante elucidativos, pela nota de pessimismo que ostentam — refere-se precisamente ao “crepúsculo das disciplinas” em que então a Humanidade vivia, sublinhado pouco depois que pertence “a uma geração [...] que perdeu todo o respeito pelo passado e toda a crença ou esperança no futuro” (*id.*, p. 103).

Este sentimento encontra-se, como se sabe, profusamente representados em múltiplos textos de Soares. No entanto, o que se trata aqui essencialmente é evidenciar,

relativamente a Bernardo Soares (mas também aos principais modernistas e, de certo modo, a quase todos os heterónimos de Pessoa), uma condição particular do sujeito perante o mundo do real, condição essa tanto mais relevante, quanto maior for a persistência do sujeito na elaboração de dominantes temáticas que se vão constituindo a partir do momento em que ganha densidade estética a relação de conflito com a realidade. De facto, torna-se necessário reconhecer o posicionamento crítico desse sujeito em relação a uma época “esvaziada” de subjetividade e de respeito por cada indivíduo (onde o que fundamentalmente conta são os valores materialistas, o que conduz aquele sujeito a incidir nestes valores a sua atenção, realçando a especificidade negativa que, segundo ele, os caracteriza). Não é por acaso que, num outro texto do *Livro do Desassossego*, agora de presumivelmente 1930, o mesmo Bernardo Soares declare, ostensivamente:

Que me pode dar a China que a minha alma me não tenha já dado?
[...] Compreendo que viaje quem é incapaz de sentir. Por isso são tão pobres sempre como livros de experiência os livros de viagens, valendo somente pela imaginação de quem os escreve. E se quem os escreve tem imaginação, tanto nos pode encantar com a descrição minuciosa, fotográfica a estandartes, de paisagens que imaginou, como com a descrição, forçosamente menos minuciosa, das paisagens que supôs ver. Somos todos míopes, excepto para dentro. Só o sonho vê com (o) olhar (*id.*, p. 297-298).

Parece claro que o problema central se encontra, mais uma vez, na entidade sujeito, no que diz respeito ao seu posicionamento em relação ao exterior que o rodeia — que valerá acima de tudo pela relação que com ele a “imaginação” do sujeito mantém. Nestes termos — com os quais, afinal, a prioridade do subjetivo será, aliás, fortemente assumida por Pessoa (sendo o dialogismo alteronímico a prova mais evidente desse posicionamento) —, os sentidos que este empresta à subjetividade, encarando-a como espaço de totalidade, estabelecem uma posição muito nítida, já que “É em nós que há os lagos todos e as florestas” (PESSOA, 2004, p. 78); o mesmo é dizer, por outras palavras, que é em cada um de nós que podemos encontrar as forças que nos permitirão ambicionar e atingir o Ideal (“floresta ideal”, escrevera antes, no mesmo poema) — que é em si uma forma de totalidade.

2

Ora, é igualmente por força e pelo peso destas componentes que a *viagem interior*, a *viagem imaginária*, constitui um tópico nuclear na poesia e na ficção de muitos dos nossos modernistas, tópico esse que confirma, em primeira e última instâncias, a ideia segundo a qual o sujeito que as produz deverá ser entendido numa relação imediata com o ato de “autorreferenciação”. Assim se reenvia (exatamente pelo que de desdobramento alteronímico essa “autorreferência” implica) para a viabilização de procedimentos de índole reflexiva, concretizando-se uma outra premissa fundamental, que contempla o sujeito integrado num processo de “exo-referência”, cujo enquadramento estético e/ou existencial se aproxima da conceção bakhtiniana de *exotopia*.

Entretanto, como se poderá deduzir, o relevo de que se reveste esta área de reflexão não deixa de entroncar, direta e indiretamente, na problemática da *viagem física* — no que ela compreende de necessidade de conhecimento e enriquecimento intelectual pelo viajante, de valorização da sua formação, de busca da verdade, de (tantas vezes) objetivos económicos, comerciais, religiosos, ou de simples apetência pela aventura, ou pelo exótico e diferente.

Estes termos e/ou objetivos da viagem física — variavelmente presentes em tantas narrativas de viagens, mas com os quais, afinal, a prioridade do subjetivo se encontra, mediata e imediatamente, sempre presente —, estes termos e/ou objetivos da viagem física, dizia, são,

é certo, progressivamente intensificados com o enorme desenvolvimento científico e tecnológico (e, por conseguinte, dos meios de transporte) que se verifica no Ocidente nos finais do século XIX. Por outro lado, não é menos correto afirmar-se que, também por causa disso — e pelo reconhecimento de que a ciência, e a tecnologia, e os transportes, e o procurar conhecer melhor o Outro não confirmam, no fim de contas, respostas definitivas —, a arte e a literatura passam a ser *encenadas*, experienciando-se tantas vezes o poeta e o escritor como alguém que se inventa a si mesmo, que viaja por si, e em si.

Baudelaire na sua apreensão do moderno (ou, no caso, da “modernité”) como uma propriedade em si mesma, e não tanto como uma situação em oposição ao passado, dissolve a valência da história; e alguns poemas (escritos entre 1855 e 1867) que integram o *Spleen de Paris* revelam precisamente a imagem do poeta viajante através do “grand désert d’hommes”; noutros poemas, incluídos em *Les Fleurs du Mal*, o sujeito poético deixa bem visível o percurso em direção à autoconsciência moderna, pela busca de um ideal (que a viagem em “correspondências” deixa antever, por exemplo, no *Hymne à la Beauté*), pela renúncia ao tédio e vazio do real (“Amer savoir, celui qu'on tire du voyage! / Le monde, monotone et petit, aujourd'hui, / Hier, demain, toujours, nous fait voir notre [...] / Une oasis d'horreur dans un désert d'ennui!” [BAUDELAIRE, 1908, p. 349]), pela demanda de interiores *paraísos artificiais*. Esses paraísos, demandá-los-iam também Rimbaud (com o seu *Le Bateau Ivre*), Mallarmé (com *Un Coup de Dés*), estabilizando-se, assim, ainda com algumas diferenças, a viagem baudelairiana, em autores que normalmente são reconhecidos como estando na base da prática literária modernista, e, em parte, futurista.

3

Não pode deixar-se, no entanto, de sublinhar que a presença dos dois tipos de viagem (a física e a imaginada) não se compadece, nos nossos modernistas, com uma separação integral; pelo contrário.

António Ferro, o editor oficial (“obrigado”) da Revista *Orpheu*, viajou intensamente pela Europa, Estados Unidos da América e Brasil, entrevistando personalidades célebres de então, comissariando exposições internacionais, proferindo importantes conferências (datam, aliás, de 1922, alguns dos seus textos mais importantes, no que ao estudo mais alargado do discurso manifestatário modernista português diz respeito, como é o caso d’“A Arte de Bem Morrer” e d’“A idade do Jazz-Band”, ambas proferidas em São Paulo). Trata-se, porém, do mesmo Ferro que, tendo viajado imenso, se referiu à importância do sonho como viagem, quando, num texto publicado n’*O Século*, em 6 de agosto de 1921, empresta ao sonho e à imaginação a possibilidade de se poder “viajar por todo o mundo, mesmo por fora do mundo...” (FERRO, 1987, p.284).

Entretanto, e no quadro de uma equação peculiar do fenómeno da viagem interior no âmbito literário, encontra-se a noção de *autoconhecimento* a que uma sensação de desânimo obriga. Nesse sentido, vale a pena recordar que o relevo de que se reveste esta noção entronca, antes de tudo, na representação de um posicionamento particular do sujeito, suscetível de sistematicamente remeter para uma consciencialização poética dolorosa. Em *Saudades de Mim*, por exemplo, conjunto de poemas aos quais não é alheia uma propensão eminentemente derrotista do sujeito, encontramos a representação poética deste desencanto. Isso mesmo se verifica no poema *É um poço sem fundo a minha alma...*, quer quando o sujeito poético caracteriza a sua alma como um “poço sem fundo”, quer quando se caracteriza como uma “*alma sem nexos*”; escreve: “É um poço sem fundo a minha alma... [...] / Eu próprio cá / no fundo do poço, / no fundo de mim mesmo... / Já não vejo a luz do céu”; e continua, pouco depois: “Tento agarrar-me a mim próprio / para subir, / mas esta sensação / de paredes lisas, / sem nada a que me segure, / é pior do que tudo... // Custa menos morrer /

do que salvar-me...” (FERRO, s/d, p.73). Funcionando como elemento que, pela sua identificação com um “poço”, reenvia para as noções de profundidade, escuridão, frio e prisão, a “alma” do sujeito poético acaba por vincular-se de igual modo à ideia, fluida, de desconhecido, facilitada pela profundidade infinita (“sem fundo”) daquele “poço”. E é precisamente nesse “poço”, dentro de si, que o sujeito inicia uma viagem, sem contudo se encontrar. Nesse processo de autorrevelação, o sujeito toma, então, consciência do mais amargo e do mais escuro de si próprio, acreditando mesmo que a sua identidade, entrevista na tentativa de se “agarrar a si próprio”, é difícil de conseguir (mais do que “morrer”).

4

Não menos elucidativos quanto à definição de um sujeito que continuamente se procura, viajando por entre si — em termos relacionados com alguns dos parâmetros constitutivos da conceção dialógica do sujeito —, são os testemunhos que Almada Negreiros oferece.

É certo que, tendo-se cedo deslocado de São Tomé e Príncipe (onde nasceu) para Portugal, viajará mais tarde para Paris (mantendo-se como dançarino de cabaret e empregado de armazém) e, entre 1927 e 1932, para Espanha (onde participará em [e desenvolverá] diversas manifestações culturais e artísticas). E, dentro dos parâmetros do que nos interessa desenvolver, recorde-se como este poeta-pintor-dramaturgo-ensaísta aborda algumas questões particularmente importantes no ensaio *As 5 Unidades de Portugal* (publicado em Junho de 1935), no romance *Nome de Guerra* (de 1925, mas publicado só em 1938) e no poema em prosa *A Invenção do Dia Claro* (pronunciado em 1921, na Liga Naval) — todos eles evidenciando, de forma expressiva, através do ensaísta, do narrador, ou do sujeito poético, uma atenção particularmente importante ao problema do sujeito: um sujeito que ora nos aparece [estética e alteronimicamente] representado em oposição à sociedade, ora, como no caso do romance e do ensaio *As 5 Unidades de Portugal*, equacionado em termos mais alargados, que nos reenviam já para um cenário universal.

N’*A Invenção do Dia Claro*, o sujeito poético, dirigindo-se ao destinatário materno, anuncia-lhe que lhe vai contar a “viagem” que fez: “Dei a volta ao mundo, fiz o itinerário universal. Tudo consta do meu diário íntimo onde é memorável a viagem que eu fiz desde o universo até ao meu peito quotidiano. Vim de muito longe até ficar dentro do meu próprio peito e defendido pelo meu próprio corpo” (NEGREIROS, 1990, p.170); antes, confessara-lhe: “Quando eu vinha para casa a multidão ia na outra direcção. Tive de me fazer mais pequeno e escorregadio, para não ir na onda” (*id.*, p.167); já em *Nome de Guerra*, o narrador apela: “Não deixemos a sociedade assentar arraiais sem primeiro ter reconhecido pessoalmente a cada um. A ver se, por fim, ela deixa de se ofender com o nosso sincero caso pessoal” (NEGREIROS, 1992a, p.204-205); e, numa reflexão com um alcance mais geral, próximo do discurso abstrato (o que, só por isso, se torna significativo pela informação ideológica de que essa reflexão se poderá revestir), o ensaísta enuncia n’ *As 5 Unidades de Portugal*: “A pessoa humana é a única finalidade de tudo quanto acontecer na Terra”; e continua, afirmando que “o respeito por cada uma das pessoas humanas é a única ligação que teremos no diálogo das gerações e no encontro da humanidade com a própria humanidade” (NEGREIROS, 1992b, p.16769-70).

Ora, e independentemente, para já, do realce conferido ao *outro* — que, na produção almadiana, se assume topicamente —, o que fundamentalmente nos interessa realçar em todas estas palavras é a sugestão que aponta para a *dimensão individual do sujeito*, individualmente considerado, portanto, mesmo apesar de a sua própria condição se encontrar dependente das relações com aquele *outro*. E é justamente por força do crédito concedido àquela dimensão que se torna legítimo ao narrador de *Nome de Guerra* enfatizar que cada sujeito deve transpor

as “malhas” da sociedade com a sua “sinceridade”, nomeadamente quando escreve que “a única maneira que existe no mundo para revelar cada um, a si e aos outros, está dentro de cada um mesmo, é a sua sinceridade” (NEGREIROS, 1992a, p.204). Com razão afirma Ellen Sapega, uma das mais entendidas exegetas almadianas:

Se, em “A Invenção do Dia Claro”, é o próprio poeta que se inicia numa “vida interior” por meio da viagem, em *Nome de Guerra*, este conceito de viagem espiritual é exteriorizado, contado em forma de uma história, e, assim transferido para um plano narrativo (SAPEGA, 1992, p.100).

5

Já no que diz respeito a Mário de Sá-Carneiro, sabe-se que viajou para Itália, Espanha e França — mantendo, aliás, com Paris uma relação privilegiada. Será, aliás, da capital francesa que, entre outubro de 1912 e abril de 1916, manterá uma intensa correspondência com Pessoa (que testemunha os acontecimentos que envolveram a preparação e a publicação dos dois primeiros números da revista *Orpheu*).

De facto, as cartas enviadas a Fernando Pessoa não podem passar despercebidas, quando se reflete sobre a *viagem interior* no *discurso* modernista; elas constituem não só um dos mais importantes testemunhos acerca quer do nascimento da revista *Orpheu*, quer do meio social e literário parisiense, como ainda (facto normalmente relacionado com o texto epistolográfico) um vigoroso testemunho da evolução estética de Sá-Carneiro, das suas crises interiores, das suas incertezas, dúvidas. Nessas cartas, Sá-Carneiro não só pede constantemente a Pessoa a opinião deste sobre os seus poemas, contos, novelas, de problemas, inclusivamente, do foro existencial e psicológico, mas também analisa criticamente algumas produções de Pessoa e dos seus heterónimos. Ora, é precisamente numa carta datada de 14 de Maio de 1913, enviada a Fernando Pessoa, que Mário de Sá-Carneiro se pronuncia sobre uma questão que se relacionará com uma das problemáticas mais importantes da sua obra: a que diz respeito à sua viagem em busca do “Ideal” e à frustração resultante de não ter conseguido atingir esse mesmo “Ideal”. Confessa Sá-Carneiro ao amigo, concordando com este:

Gosto muito da sua ideia, que define bem o meu eu. Muitas vezes sinto que para atingir uma coisa que anseio (isto em todos os campos) falta-me só um pequeno esforço. Entanto não o faço. E sinto bem a agonia de *ser-quase*. Mais valia não ser nada. É a perda, vendo-se a vitória; a morte, prestes a encontrar a vida, já ao longe avistando-a (SÁ-CARNEIRO, 1992, p.139).

Independente do problema da reconhecida ligação entre a vida e a obra de Sá-Carneiro (por diversas vezes, nessas cartas, Sá-Carneiro se identifica com personagens das suas narrativas, como é o caso de Estanislau Belcowsky [personagem de uma obra ficcional que pretendia intitular *Novela Romântica*], do protagonista da novela *Ressurreição*, Inácio de Gouveia, e de uma personagem da *Confissão de Lúcio*, Ricardo de Loureiro), o que fundamentalmente nos interessa realçar nestas palavras é uma sugestão: a que aponta para um dos estigmas que atravessa a sua obra poética, o derrotismo, resultante da busca, em si, de algo superior. O poema *Quase* (escrito em Maio de 1913) revela-o sem grandes dúvidas:

Um pouco mais de sol — eu era brasa.
Um pouco mais de azul — eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...

e adianta, pouco depois:

Quase o amor, quase o triunfo e a chama,
Quase o princípio e o fim — quase a expansão... (SÁ-CARNEIRO, s/d, p.68)

Ora, justamente a jornada subjetiva constitui uma presença constante quer na poesia, quer na ficção de Sá-Carneiro. Encontram-se exemplos flagrantes noutros poemas, como *Escavação*, *16*, *Apoteose*, *Taciturno*, ou, mesmo, em textos narrativos como *O Homem dos Sonhos* e *Página de um suicida*. Mas talvez mais importante do que indicar quais os textos onde a configuração do mundo subjetivo aparece é imputar essa presença à necessidade de Mário de Sá-Carneiro procurar transcender uma conceção monológica do *eu*, apreendendo dinamicamente o seu universo interior, na medida em que, por vezes com um elevado grau de reflexão, e consciência, se procura compreender. Atente-se no soneto *Aqueloutro* (de 1916), onde o sujeito poético se dirige a si mesmo com um posicionamento que deixa adivinhar uma proficiência alteronímica, avaliando-se com um diapasão crítico cujas reverberações acabam por refletir (de modo formalmente excessivo) um profundo e amargo desencanto. Assim parece confirmar-se, quando o sujeito poético se refere ao “dúbio mascarado”, ao “mentiroso / [...] que passou na vida incógnito”, ao “Rei-lua postiço”, ao “covarde rigoroso...”, ao “sem nervos nem ânsia”, ao “papa-açorda...”, ao “balfo arrotando Império astral”, à “Esfinge Gorda...” (*id.*, p.166-167).

Corresponde, de certa forma, e em termos dialógicos, este sujeito poético ao mesmo que, em 1913 e em 1914, *se* indagara, tentando encontrar os contornos que dotassem com a consistência possível o perfil que, enquanto sujeito estético-literário, procurava: em *Escavação*, o sujeito poético escreve “Numa ânsia de ter alguma cousa, / Divago por mim mesmo a procurar, / Desço-me todo”; em *16*, e em *Apoteose*, recorre a um posicionamento peculiar, concretizado por uma imagem bastante impressiva sugerida pelos movimentos de “subir” e de “descer”: “Subo por mim acima como por uma escada de corda, / E a minha Ânsia é um trapézio escangalhado...”, escreve no primeiro (*id.*, p.96); “Desci de mim”, no segundo (*id.*, p.97); no poema *Partida*, pergunta: “[...] A vida, a natureza, / Que são para o artista? Coisa alguma”; e como que responde, apontando a solução para o artista: “O que devemos é saltar na bruma, / Correr no azul à busca da beleza; e, pouco de pois, continua: Viajar outros sentidos, outras vidas” (*id.*, p.52).

De forma ainda mais visível, ocorre a consumação desta viagem interior no poema *Taciturno*: neste texto, de tonalidades simbolistas, o sujeito palmilha o seu “mundo interior” — “Percorro-me em salões sem janelas nem portas [...] // Há roxos fins de Império em meu renunciar” (*id.*, p.101-102) —, deixando perceber um certo empenhamento na busca do seu centro interior — busca essa acompanhada, apesar de tudo, pela nota de desencanto (já previsível no título) que a cor roxa e a ideia de fim acarretam. Ora, este procedimento poder-se-á entender, em primeira instância, como a interrogação do sujeito a si mesmo e, em segunda instância, como a procura da reconstrução do espaço e verdade interiores (espaço aquele isolado do real, já que os seus “salões” interiores não têm “janelas, nem portas”), propondo para isso o sujeito percorrer as etapas interiores, com vista ao conhecimento de si (um conhecimento, todavia, que, no conjunto dos textos de Sá-Carneiro, se pauta frequentemente pelo malogro.

Mais: o tópico da viagem na produção sá-carneiriana estende-se aos próprios narradores e personagens, no âmbito do texto narrativo ficcional. Na novela *Loucura*, o narrador viaja por França, Inglaterra e Itália; na novela *Incesto*, o protagonista passa por Paris, Londres, Viena, Budapeste, Veneza, Milão, Suíça; n’*A Confissão de Lúcio*, o narrador evoca a sua juventude de boémia em Paris, as suas deambulações nessa cidade (correspondentes, de forma projetiva, às deambulações do próprio Sá-Carneiro); e que dizer da importância assumida por Paris em tantas novelas de *Céu em Fogo*? Há de aceitar-se que poderá

beneficiar de enorme este estudo. Contudo, não nos parece menos importante considerar o destaque que, também no contexto da ficção narrativa de Sá-Carneiro, assumem a viagem interior, o sonho e a imaginação. Recorde-se, a título exemplificativo, a novela *O Homem dos Sonhos*. Aí, o narrador conhece um homem misterioso que era feliz: viajava por onde queria, pois sonhava o que queria; e nessas viagens, dizia, possuía o antídoto para a mesmidade da vida quotidiana; escreve: “Viajar é viver o movimento. Mas, ao cabo de pouco viajarmos, a mesma sensação da monotonidade terrestre nos assalta, bocejantemente nos assalta” (SÁ-CARNEIRO, 1993, p. 148); e continua:

Eu vivo horas que nunca ninguém viveu, horas feitas por mim, sentimentos criados por mim, voluptuosidades só minhas — e viajo em países longínquos, em nações misteriosas que existem para mim, não porque as descobrisse, mas porque as edifiquei. Porque eu edifico tudo (*id.*, p.150).

Entretanto, conta ao narrador as “viagens maravilhosas” que tem feito para uma terra onde não havia luz, só noite, para um “mundo perfeito onde os sexos não são dois só”, para um “país [...] *duma cor que não era cor* [sic]”, onde se “*respirava [...] música* [sic]”, e onde era a “alma visível” e “invisíveis, os corpos” (*id.*, p.150 ss)... É nesse tudo querer, nesse conseguir “tornar infinito o universo”, que se encontra a felicidade do *homem dos sonhos*, que remata: “— A vida é um lugar comum. Eu soube evitar esse lugar comum (*id.*, p.155)”.

As palavras acima lembradas são bastante significativas por desencadarem, pelo destaque concedido à identificação do estado de felicidade com a viagem interior e de angústia com a vida real crise, outras pistas de reflexão importantes. E são efetivamente essas pistas que, embora dotadas de menor especificidade, acabam, mediatamente, por se sintonizarem com a ideia geral de morte, que pode ser assumida quer como noção aprioricamente implicada pela vivência científico-tecnológica, quer como noção a que essa vivência acaba por conduzir. Como se, afinal, a morte e a angústia generalizada não só fossem inerentes a um contexto cultural nacional, e europeu, marcado por um enorme desenvolvimento científico-tecnológico, mas também a elas conduzisse... Seria, efetivamente, àquele estádio derradeiro que, em última instância, o desenvolvimento científico-tecnológico conduziria, na perspectiva de uma outra personagem de Sá-Carneiro, Lourenço Furtado, no conto *Página de um suicida* (escrito em novembro de 1908 e publicado no nº72 da revista *Azulejos*, em 1909). Não conseguindo resistir à sua curiosidade de conhecer a morte, Lourenço Furtado escolhe a viagem derradeira, o suicídio: “Serei como que um arrojado descobridor de mundos: Colombo descobriu a América; Vasco da Gama, a Índia... eu, descobrirei a “morte”!” (SÁ-CARNEIRO, s/d[a], p.127). Com esse caminhar voluntário ao encontro da morte, Lourenço Furtado acredita que, para além do estatuto de “descobridor”, seria igualmente referido como um “neurasténico”. No entanto, ele próprio refere: “[...] sou simplesmente uma vítima da época, nada mais... O meu espírito é um espírito aventureiro e investigador por excelência. Se eu tivesse nascido no século XV descobriria novos mares, novos continentes... No começo do século XIX teria talvez inventado o caminho de ferro... Há poucos anos mesmo, ainda teria com que me ocupar: os automóveis, a telegrafia sem fios... Mas agora... agora que me resta?... [...] a única coisa interessante que existe actualmente na vida é... a morte! Pois bem, serei o primeiro explorador dessa região misteriosa, completamente desconhecida...” (*id.*, p.128).

6

Vamos terminando como começámos: com Fernando Pessoa e os seus outros *eus*. Fernando Pessoa, é certo, nunca foi a França, nem Espanha, nem ao Brasil, nem aos Estados Unidos da América. Viajou, no entanto, para a África do Sul, Açores e Madeira, tendo

restringido entretanto os seus percursos de viajante físico à cidade de Lisboa e arredores (com uma viagem ainda a Portalegre, com o intuito de adquirir algumas máquinas de impressão para fundar a tipografia Íbis). E, no universo heteronímico, a viagem física encontra-se presente (de forma muito visível) apenas em Álvaro de Campos, *homo viator* por excelência — como referiu Beatriz Berrini (1990), que, sobre esta problemática refletiu de forma muito sistemática; já Alberto Caeiro (que nasce em Lisboa e se desloca para o campo) e Ricardo Reis (que, tendo nascido no Porto, acaba por se exilar no Brasil) não realizam viagens... nem físicas, nem imaginadas.

Caeiro é o poeta da natureza que cultiva a poesia objetiva, bem como o processo poético de raiz sensacionista (procurando eliminar a subjetividade no discursivo poético e privilegiar os sentidos sobre a reflexão, bem como a realidade imediata das coisas); Caeiro diz-se o poeta da antifilosofia (manifestando-se contra qualquer tipo de conhecimento que não seja por via sensorial); Caeiro afirma-se o poeta da antimetáfísica e do ceticismo artístico, filosófico, científico e religioso; Caeiro é o poeta pagão que desmistifica a imagem do sagrado culturalmente herdada e crê num Deus paganizado, visível nas coisas da natureza; Caeiro apresenta-se como o poeta da antipoesia... Caeiro é isto tudo, mas não é viajante.

Ricardo Reis, por seu turno, não viaja fisicamente (à exceção do exílio para o Brasil); contudo, na sua poesia, a viagem comparece, essencialmente, destacando a busca do autoconhecimento, associando-se à imagem da viagem *post mortem* (ao percurso até chegar, com Caronte, ao destino final) e como metáfora da vida — que a utilização recorrente dos vocábulos “rio”, “curso”, “regato”, “passar”, “errar” deixam perceber em tantos poemas, como *Mestre, são plácidas, Olho os campos, Neera, Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio, Bocas roxas de vinho, As rosas amo dos jardins de Adónis, Prazer, mas devagar, Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia, Tirem-me os deuses, Tão cedo passa tudo quanto passa!, Os deuses e os Messias que são deuses, Saudoso já deste verão que vejo e Feliz aquele a quem a vida grata* (cf. BERRINI, 1990, p.55-58).

Quanto a Álvaro de Campos, trata-se do verdadeiro *homo viator*, quer biográfica (no âmbito natural da esfera vital heteronímica), quer poeticamente. Tendo vindo de Tavira, onde nasceu, para Lisboa, deambula (à semelhança de Pessoa e Soares) por Lisboa, pelas suas ruas, pelas suas estações, pela gare do Rossio e, sobretudo, pelo cais; e, no registo poético, são diversas as referências geográficas por onde terá “viajado”: Escócia e Reino Unido (em *Soneto antigo*), Irlanda, Oriente, Índia, China (no *Opiário*), Oceano Índico e costa oriental africana (na *Passagem das horas*)... Deste modo, se é verdade que a noção de viagem se encontram vinculadas as ideias de percurso físico e mental, se é verdade que, de todas as vozes alteronímicas, é aquela que mais “viaja”, também não é menos verdade que o próprio comparecimento da viagem no registo poético de Campos se estabelece de forma ambígua entre o querer partir e o querer ficar (evidente naquele “Eu sou o que sempre quer partir, / E fica sempre”, ou no poema de 1930, *Grandes são os desertos, e tudo é deserto*:

Sim, toda a vida tenho tido que arrumar a mala.

Mas também, toda a vida, tenho ficado sentado sobre o canto das camisas empilhadas [...] (PESSOA, 1990, p.228-229).

Corresponde, assim, de certa forma, e em termos dialógicos, este sujeito poético ao mesmo que, 31 de dezembro de 1929, revela o pêndulo que em si se notifica entre a partida e a chegada e entre a viagem física e a viagem imaginada: “Nunca, por mais que viaje, por mais que conheça / O sair de um lugar, o chegar a um lugar, conhecido ou desconhecido, / Perco, ao partir, ao chegar, e na linha móbil que os une, / A sensação de arrepio, o medo do novo, a náusea [...]” (*id.*, p.220).

E, no quadro do equacionamento da problemática da viagem em timbre modernista, ganha alguma expressão as noções de *angústia* e *desassossego*, nomeadamente se nessas

noções valorizarmos particularidades que se articulem indesmentivelmente com a busca identitária por parte do sujeito, no caso, Álvaro de Campos, busca essa representada, segundo Leland Guyer, na *Ode Marítima*. Nesse texto, Campos deseja integrar as coisas marinhas, deseja viajar e sentir todas as experiências, descreve “uma viagem, uma expedição ao conhecimento” (GUYER, 1981, p.29), procura uma “consciência ampliada do Eu” (*id.*, p.33) — acompanhando o volante essa *viagem* dentro de si. E se é certo que o poema *Opiário*, publicado no número 1 da revista *Orpheu*, constituía uma primeira manifestação evidente de uma crise que atingirá, mais profundamente, o Campos sensacionista, também não é menos certo que esse poema não só se afirma como um reflexo do pós-simbolismo, na sua vertente decadentista, como também a antecipa o desencanto na própria *Ode Triunfal* (presente logo nos primeiros versos) e a imobilidade da *Ode Marítima*, apontada por Wladimir Krysinski, quando escreve que este poema acaba por se transformar numa “*métaphore dynamique de l’immobilité*” (KRYNSINSKI, 1997, p.427).

Assim, perante a náusea e a desilusão do real, Campos busca a viagem interior, porque acaba por se aperceber de que, afinal, mais importante do que a viagem física é a viagem imaginada, porque é esta a que lhe revela o seu eu mais profundo: “A vida de bordo é uma coisa triste, / Embora a gente se divirta às vezes”; escreve no *Opiário*; e continua:

Eu acho que não vale a pena ter
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.
A terra é semelhante e pequenina
E há só uma maneira de viver.
[...]
Pra que fui visitar a Índia que há
Se não há Índia senão a alma em mim? (PESSOA, 1990, p.57)

Em 1928, na *Tabacaria*, Campos reconhecerá a sua profunda desilusão:

Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito [...] mais humanidades do que Cristo.
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda (*id.*, p.197).

Facilmente se pode verificar nestes versos o quanto Campos constata que, apesar de tudo ter vivido, pensado, imaginado, viajado, e de ter procurado atingir algo que se poderá enquadrar dentro da ideia de totalidade — que abarcaria, segundo ele, a História, a Religião e a Filosofia (representadas nas figuras de Napoleão, Cristo e Kant) —, ele permanecerá para sempre preso do seu próprio desejo. Essa constatação, aliás, encontra-se também presente em Bernardo Soares, quando, num texto não datado do *Livro*, reconhece que o seu sonho “falhou até nas metáforas e nas figurações”, que as suas vitórias “falharam” (PESSOA, 2010, p.198).

Como se pode ver, estas palavras não se encontram também muito distantes de alguns versos de Reis, com uma mesma linha temática de um conformado derrotismo a adquirir tonalidades significativas acrescidas, pelo facto de esse derrotismo presidir a determinadas atitudes existenciais aconselhadas pelo poeta. E uma dessas atitudes é favorecida precisamente não só pela advertência acerca do inútil desejo em atingir a totalidade, mas também pela apologia do desprendimento para com a vida, justamente por Reis continuamente se empenhar em ensinar que a resposta à passagem breve da vida, assim como à consciência do carácter inexorável da morte, se encontra na abdicação total de lutar contra algo que está destinado, presente naquele “abdica e sê rei de ti próprio”

Entoação similar, encontramos-la na poesia de Pessoa ortónimo. Neste “Fausto moderno”, a viagem pela procura da totalidade (sob a forma de Perfeição, ou Beleza, ou Mistério, ou Identidade) é recorrente, o que nos leva mediatamente a pensar acerca das

intenções estético-literárias do poeta. Escrevia Pessoa em 1909:

Da Perfeição segui em vã conquista,
Mas vi depressa, já sem a alma acesa,
Que a própria ideia em nós dessa beleza
Um infinito de nós mesmos dista (PESSOA, 1986a, p.154);

mais tarde, em 1919, declara:

Ali, no alto de ser, sentir é nobre,
Despido de ilusões e de ironias.
[...]
Mas mesmo nessa altura de mistério
E abismo de ascensão, não encontrei
Paragem, conclusão ou refrigério (*id.*, p.198).

O que uma breve análise destes versos permite sublinhar são dois aspetos: antes de mais, o reconhecimento, já em 1909 (no poema *Em busca da beleza*, a que o primeiro grupo de versos pertence), da inutilidade do querer alcançar a “Perfeição”, quedando-se o próprio facto de se pensar nela longe da condição humana; em segundo lugar, a verificação de que, ainda que se alheie das preocupações diárias (“agonias / Da vida”, escrevera antes), essa atitude não oferecerá ao sujeito o lenitivo procurado, de novo se ressumando uma conceção derrotista (sublinhada pela conjunção adversativa “Mas”).

7

Em primeira e última instâncias, aceitando a noção de que os textos dos autores modernistas estudados em causa se apoiam variavelmente sobre as coordenadas estudadas, mais facilmente compreenderemos a *viagem interior* não só como processo de indagação identitária, mas também como condição necessária para que a própria identidade se edifique; e essa viagem, fê-la de forma admirável Fernando Pessoa com a pluridiscursividade heteronímica, explicando-a sinteticamente a Adolfo Casais Monteiro, em 20 de janeiro de 1935:

O que sou essencialmente — por trás das máscaras involuntárias do poeta, do raciocinador e do que mais haja — é dramaturgo. O fenómeno da minha despersonalização instintiva a que aludi em minha carta anterior, para explicação da existência dos heterónimos, conduz naturalmente a essa definição. Sendo assim, não evoluo, VIAJO. [...] Vou mudando de personalidade, vou (aqui é que pode haver evolução) enriquecendo-me na capacidade de criar personalidades novas, novos tipos de fingir que compreendo o mundo, ou, antes, de fingir que se pode compreendê-lo. Por isso dei essa marcha em mim, não a uma evolução, mas a uma viagem (PESSOA, 1986b, p.348).

REFERÊNCIA

ANDRADE, Maria das Graças Fonseca. A inércia do ponto de partida: uma leitura da irônica viagem de Álvaro de Campos. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, nº 3. Minas Gerais: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1998, Abr., pp.17-22.

BAUDELAIRE, Charles. **Les Fleurs du mal**. Paris: Calmann-Lévy Éditeurs, 1908.

BERRINI, Beatriz. As viagens do viajante poeta Fernando Pessoa. **Actas do IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos**. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, I Vol, 1990, pp.49-71.

COELHO, Teixeira. **Moderno Pós-moderno**. Porto Alegre/São Paulo: Editores L & PM, 1986.

FERRO, António. **Obras de António Ferro — Intervenção Modernista**. Lisboa: Verbo, 1987.

FERRO, António. **Saudades de Mim. Poemas**. Lisboa: Betrand, s/d [1957].

GUYER, Leland R. “A Viagem do Herói na “Ode Marítima””. **Persona**, 4, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, Jan., 1981, pp.29-35.

JÚDICE, Nuno. “O corpo da viagem”. **Colóquio / Letras**, 104-105, Jul.-Out., Lisboa, 1988, pp.34-37.

KARL, Frederick R. **Modern and Modernism. The Sovereignty of the Artist 1885-1925**. New York: Atheneum, 1988.

KRYSINSKI, Wladimir. “La quête identitaire et les voyages imaginaires dans l’*Ode Maritime* de Fernando Pessoa”. In: FALCÃO, A. M.; NASCIMENTO, M. T.; LEAL, M. L. [Orgs.]. **Literatura de Viagem. Narrativa, história, mito**. Lisboa: Edições Cosmos, 1997, pp.427-446.

LOPES, Teresa Rita. **Pessoa por conhecer — Textos para um novo mapa**. Lisboa: Editorial Estampa, 1990, Vol. II.

LOURENÇO, Eduardo. “Os mares de Pessoa”, in **Literatura e Pluralidade Cultural — Actas do III Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 1998**. Lisboa: Edições Colibri, 2000, pp. 761-771.

MARINHO, Maria de Fátima. A viagem do drama estático *O Marinheiro*. **Persona**, 9. Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, Out., 1983, pp.28-31.

MEIRA, Maria José. “A viagem no imaginário ficcional de Mário de Sá-Carneiro”. In: FALCÃO, A. M.; NASCIMENTO, M. T.; LEAL, M. L. [Orgs.]. **Literatura de Viagem. Narrativa, história, mito**. Lisboa: Edições Cosmos, 1997, pp.481-487.

MOURA, Jean Marc. “Le voyage marin a l’age post-moderne: éléments de reflexion sur une alterité desormais impossible”. **Literatura e Pluralidade Cultural — Actas do III Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 1998**. Lisboa: Edições Colibri, 2000, pp. 797-810.

NEGREIROS, José de Almada. **Obras Completas — Poesia**, 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, Vol. I.

NEGREIROS, José de Almada. **Obras Completas — Nome de Guerra**, 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. II.

NEGREIROS, José de Almada (1992b). **Obras Completas — Ensaio**s. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992a, Vol. V.

PESSOA, Fernando. **Obras de Fernando Pessoa** [Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros]. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986a, Vol I.

PESSOA, Fernando. **Obras de Fernando Pessoa** [Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros]. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986b, Vol II.

PESSOA, Fernando. **Edição crítica de Fernando Pessoa - Poemas de Álvaro de Campos** [Edição e introdução de Cleonice Berardinelli; Nota prévia de Ivo Castro]. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, Vol. II

PESSOA, Fernando. **Edição crítica de Fernando Pessoa – Poemas de Fernando Pessoa 1931-1933** [Edição de Ivo Castro]. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, Vol. I, Tomo IV.

PESSOA, Fernando (2010). **Edição crítica de Fernando Pessoa – Livro do Desasocego** [Edição de Jerónimo Pizarro]. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. XII, Tomo I

PICCHIO, Luciana Stegagno. “La figuration de la mer comme recherche de l’autre”. **Literatura e Pluralidade Cultural — Actas do III Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 1998**. Lisboa: Edições Colibri, 2000, pp. 773-776.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro — Cartas a Fernando Pessoa I**, 2ª ed. Lisboa: Edições Ática, 1992.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro — Céu em Fogo**, 4ª ed. Lisboa: Edições Ática.

SÁ-CARNEIRO, Mário de (1996). **Obra Poética**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1993.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro — Poesias**. Lisboa: Edições Ática, s/d.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Princípio e Outros Contos**. Mem Martins: Publicações Europa-América, s/d[a].

SAPEGA, Ellen W. **Ficções modernistas — Um estudo da obra em prosa de José de Almada Negreiros 1915-1925**. Lisboa: ICALP, 1992.

SEIXO, Maria Alzira. “L’écriture du voyage et la recherche de l’altérité”. **Literatura e Pluralidade Cultural — Actas do III Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada**. Lisboa: Edições Colibri, pp. 2000, 777-783.

Recebido em: 23 de março de 2015.
Aceito em: 04 de julho de 2015.